 Tempo de leitura: 6 min.

(continuação do artigo anterior)

O salesiano

Ele está junto aos doentes, às crianças. O Oratório, que os salesianos haviam fundado no início da casa, terminou com sua partida em 1903. Mas a paróquia de Sant Vicenç pegou a tocha por meio de um jovem, João Juncadella, um catequista nato, e o *Surdo*, seu grande assistente. Nasceu entre eles uma amizade muito forte e uma colaboração permanente, que só terminou com a tragédia de 1936. Alexandre cuidava da limpeza e da ordem do local, mas logo se mostrou um verdadeiro animador dos jogos e das excursões que eram organizadas. E, se necessário, não hesitava em colocar à disposição o dinheiro que economizava.

E tinha dentro de si o coração salesiano. A surdez não lhe permitiu professar como salesiano, o que ele certamente desejava. No entanto, parece que fez votos privados, com a permissão do então inspetor, P. Filipe Rinaldi, de acordo com o testemunho de um dos diretores da casa, o P. Crescenzi.

Demonstrou sua identificação com a causa salesiana de mil maneiras, mas de uma forma particularmente significativa, cuidando pessoalmente da casa por quase 30 anos e defendendo-a na difícil situação do verão e outono de 1936.

“Ele parecia ser o pai de cada um de nós”. Quando, em 1935, três meninos se afogaram no rio, “a dor daquele homem foi como a de perder três filhos de uma vez”. Sabemos que os salesianos não o consideravam um empregado, mas um membro da família, ou um cooperador. Hoje talvez pudéssemos dizer um leigo consagrado, no estilo dos Voluntários com Dom Bosco. “Um salesiano de grande estatura espiritual”.

Abraçado à Cruz, verdadeira testemunha de fé e de reconciliação No outono de 1931, os salesianos retornaram a Sant Vicenç dels Horts. Os distúrbios que levaram à queda da monarquia espanhola afetaram a casa de El Campello (Alicante), onde o Aspirantado estava localizado naquela época. Portanto, foi tomada a decisão de transferi-lo para Sant Vicenç. A casa, embora relativamente dilapidada, estava pronta. E pôde se expandir com a compra de uma torre adjacente. Foi aqui que se desenvolveu a vida dos aspirantes, cujo testemunho sobre o *Surdo* permitiu traçar o retrato do homem, do artista, do crente e do

salesiano a que nos referimos.



Cristo pregado na cruz, no pátio da casa, por Alexandre



A deposição nas mãos de Maria, no pátio da casa, por Alexandre


O Santo Sepulcro, no pátio da casa, por Alexandre

Não é o momento de nos referirmos à situação crítica dos anos 1931-1936 na Espanha. Apesar de tudo isso, a vida no Aspirantado de Sant Vicenç transcorria normalmente. A força motriz da vida cotidiana era a consciência vocacional dos jovens, que sempre os impulsionava a olhar para frente, na esperança de se vincularem definitivamente a Dom Bosco em uma data não muito distante.

Até que veio a revolução em 18 de julho de 1936. No mesmo dia, os salesianos e os jovens fizeram sua excursão-peregrinação ao Tibidabo. Quando voltaram à tarde, as coisas estavam mudando. Em poucos dias, a casa paroquial do vilarejo foi incendiada, o seminário salesiano foi confiscado, um clima de intolerância religiosa se espalhou por toda parte. O pároco e o vigário foram presos e mortos. As forças da lei e da ordem não conseguiram ou não souberam lidar com os tumultos. Em Sant Vicenç, assumiu o poder o “Comitê Antifascista”, de matriz claramente anticristã.

Embora no início a vida dos educadores tenha sido respeitada por causa do cuidado com as crianças que a casa abrigava, eles tiveram que testemunhar a destruição e a queima de todos os objetos religiosos, em especial os três monumentos erguidos pelo Surdo. “*Como ele sofreu*”, vendo-se obrigado a colaborar com a destruição do que era expressão de sua profunda espiritualidade e

a testemunhar a expulsão dos padres.

Naqueles dias, o *Surdo* se deu conta claramente do novo papel que a revolução o obrigou a assumir: sem deixar de ser o principal elo da comunidade com o mundo exterior (ele sempre se movimentou livremente como moço de recados e em todo tipo de necessidade), ele tinha que guardar a propriedade como antes e, acima de tudo, proteger os seminaristas. "*Na realidade, era ele quem representava os salesianos e agia como nosso pai*". De fato, em poucos dias restavam apenas os coadjutores e um grupo cada vez menor de aspirantes.

A expulsão definitiva de ambos ocorreu em 12 de novembro. Em Sant Vicenç, apenas o Sr. Alexandre permaneceu. Sobre seus últimos dias de vida, temos apenas três fatos certos: dois dos coadjutores expulsos voltaram à aldeia no dia 16 para convencê-lo a procurar um lugar mais seguro fora da aldeia, o que Alexandre recusou. Ele não podia deixar a casa que havia guardado por tantos anos, nem de manter o espírito salesiano mesmo em meio àquelas circunstâncias difíceis. Um deles, Eliseu García, não querendo deixá-lo sozinho, ficou com ele. Ambos foram presos na noite de 18 para 19. Alguns dias depois, vendo que Eliseu não havia retornado a Sarriá, outro coadjutor salesiano e um seminarista foram a Sant Vicenç para saber notícias deles. "*Não sabem o que aconteceu?*", disse uma amiga que eles conheciam e que administrava um bar. "*Ela nos contou em poucas palavras sobre o desaparecimento do Surdo e de Eliseu*".

Como ele passou essa última semana? Conhecendo como se conhece a trajetória de vida do Surdo, sempre fiel aos seus princípios e à sua maneira de agir, não é difícil imaginá-lo: ajudando a uns e outros, sem esconder sua fé e caridade, com a consciência de que estava fazendo o bem, contemplando o mistério da paixão e morte de Cristo, real e presente na vida dos perseguidos, desaparecidos e assassinados... Talvez na esperança de que ele pudesse ser o guardião não apenas dos bens dos salesianos, mas o guardião de tantas pessoas que sofriam. Do crucifixo, como já lembramos, ele não quis se desfazer nem mesmo durante os meses de perseguição religiosa que culminaram em seu martírio. Com essa fé, com essa esperança, com esse imenso amor, ele ouviria do Senhor da glória: "*Muito bem, servo bom e fiel. Foste fiel nas pequenas coisas; eu te confiarei muito mais. Entra na alegria do teu Senhor*". (Mt 25,21)

O Evangelho do *Surdo*

Tendo chegado a esse ponto, qualquer espírito, por mais insensível que

seja, só pode ficar em silêncio e tentar recolher, da melhor forma possível, o precioso legado espiritual que Alexandre deixou para a Família Salesiana, sua família adotiva. Podemos dizer algo sobre "seu evangelho", ou seja, sobre a Boa Nova que ele proclamou e continua a nos propor com sua vida e morte?

Alexandre é como o "*surdo que mal consegue falar*" de Mc 7,32. A súplica de seus pais a Jesus pela cura teria sido contínua. Como ele, Jesus o levou para um lugar solitário, longe de seu povo, e lhe disse: "*Efata!*" O milagre não estava na cura do ouvido físico, mas no ouvido espiritual. Parece-me que a aceitação de sua situação com um espírito de fé foi uma das experiências fundamentais de sua vida de crente que o levou a proclamar, como o surdo do Evangelho, aos quatro ventos: "*Ele fez bem todas as coisas: faz os surdos ouvirem e os mudos falarem*" (Mc 7,37).

E a partir daqui podemos contemplar na vida do Surdo "*o tesouro escondido do Reino*" (Mt 13,44); "*o fermento que faz levedar toda a massa*" (Mt 13,33); o próprio Jesus "*que acolhe os doentes*" e "*abençoa as crianças*"; Jesus que reza ao Pai por horas e horas e nos ensina o Pai Nosso (dar glória ao Pai, desejar o Reino, fazer a sua vontade, confiar no pão de cada dia, perdoar, livrar do mal. ...) (Mt 7,9-13); "*o administrador da casa que tira da sacola coisas novas e velhas, conforme melhor lhe parece*" (Mt 13,52); "*o bom samaritano que se compadece do homem espancado, aproxima-se dele, enfaixa suas feridas e se encarrega de sua cura*" (Lc 10,33-35); "*o bom pastor, guardião do redil, que entra pela porta, ama as ovelhas, a ponto de dar a vida por elas*" (Jo 10,7-11)... Numa palavra, *um ícone vivo das bem-aventuranças, de todas elas, na vida cotidiana* (Mt 5,3-12).

Mas, e ainda mais, podemos nos aproximar de Alexandre e contemplar com ele o Mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Um mistério que ocorre em sua vida desde o nascimento até a morte. Um mistério que o fortalece em sua fé, alimenta sua esperança e o enche de amor, com o qual pode dar glória a Deus, feito tudo para todos, com as crianças e os jovens da casa salesiana e com os habitantes de Sant Vicenç, especialmente os mais pobres, inclusive aqueles que lhe tiraram a vida: "*Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem*" (Lc 23,34). Fazei de mim, Senhor, uma testemunha de fé e reconciliação. Que eles também possam, um dia, ouvir de teus lábios: "*Hoje estarás comigo no Paraíso*" (Lc 23,43).
Beato Alexandre Planas Saurì, leigo, mártir salesiano, testemunha da fé e da reconciliação, semente fecunda da civilização do Amor para o mundo de hoje, intercede por nós.

dom Joan Lluís Playà, sdb